

Revistas Científicas: Ainda estamos aqui! Ainda vamos estar?

Scientific Journals: We are still here! Will we still be here?

Revistas científicas: ¡Seguimos aquí! ¿Seguiremos estando allí?

Denise TAVARES¹
Adriana BARSOTTI²
Ana Paula G. de ANDRADE³
Larissa MORAIS⁴
Pedro Henrique C. dos SANTOS⁵

Resumo

O texto discute brevemente o cenário atual da avaliação sob a perspectiva das mudanças que devem ocorrer nos próximos quadriênios, já divulgadas pela Capes e pelo coordenador da área da Comunicação e Informação. Aponta algumas inquietações sobre as alterações, comentando, também, alguns desafios que os periódicos científicos da área já estão enfrentando. Apresenta os artigos da edição, destacando as principais contribuições de cada texto.

Palavras-chave: Editorial; Mídia e Cotidiano; revistas científicas; avaliação; edição atual.

¹ Professora do Departamento de Comunicação Social e do PPG Mídia e Cotidiano, ambos da Universidade Federal Fluminense (UFF). E-mail: denisetavares51@gmail.com ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5692-7356>.

² Professora do Departamento de Comunicação Social e do PPG Mídia e Cotidiano, ambos da Universidade Federal Fluminense (UFF). E-mail: adrianabarsotti@id.uff.br ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7834-9937>.

³ Professora do Departamento de Letras e Comunicação da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ) e do PPG Mídia e Cotidiano da Universidade Federal Fluminense (UFF). E-mail: goulartdeandrade@gmail.com ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0414-1305>.

⁴ Professora do Departamento de Comunicação Social e colaboradora do PPG Mídia e Cotidiano, ambos da Universidade Federal Fluminense (UFF). E-mail: larissamorais@id.uff.br, ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6906-1635>

⁵ Professor substituto do Departamento de Comunicação Social da Universidade Federal Fluminense (UFF). E-mail: pedrohenriqueconceicaoossantos@id.uff.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2921-9861>.



Abstract

The text briefly discusses the current scenario of evaluation from the perspective of the changes that should occur in the next four years, as already announced by Capes and the coordinator of the Communication and Information area. It points out some concerns about the changes, also commenting on some challenges that scientific journals in the area are already facing. It presents the articles in the issue, highlighting the main contributions of each text.

Keywords: Editorial; Media and Daily Life; scientific journals; evaluation; current issue.

Resumen

El texto analiza brevemente el escenario de evaluación actual desde la perspectiva de los cambios que deben ocurrir en los próximos cuatro años, ya anunciados por la Capes y el coordinador del área de Comunicación e Información. Señala algunas preocupaciones sobre los cambios y también comenta algunos desafíos que ya enfrentan las revistas científicas del área. Presenta los artículos de la edición, destacando los principales aportes de cada texto.

Palabras clave: Editorial; Medios de comunicación y vida cotidiana; revistas científicas; evaluación; Edición actual.

As turbulências que costumam agitar os meses que antecedem o fechamento de um quadriênio do processo de avaliação das Pós-Graduações, empreendido pela Capes, ganharam volume adicional diante de uma série de anúncios de mudanças que devem ocorrer nos próximos anos, entre elas, novas formas de mensurar a produção bibliográfica qualificada. Não porque tais alterações não fossem desejadas, pelo contrário: há algum tempo diversas e variadas vozes expõem críticas ao que, grosso modo, é chamado de estímulo ao “produtivismo”, isto é, produção contínua de artigos (principalmente), que não raro pouco acrescentam à produção de conhecimento qualificado. O foco nesse tema, entre tantas outras modificações que devem ocorrer em breve, está vinculado, obviamente, por nossa condição de editores de um periódico científico que tem sofrido, como muitos, impactos contínuos das políticas de avaliação das próprias revistas, com destaque ao modo como o Qualis tem sido definido desde que a Revista Mídia e Cotidiano lançou sua primeira edição, que foi publicada em 30 de dezembro de 2012. Portanto, desta data até agora, contando com esta primeira publicação de 2025, são 35 edições lançadas.



Sendo um periódico criado por um Programa de Pós-Graduação recém-aprovado, a Revista Mídia e Cotidiano foi reconhecida ao longo desses 13 anos como uma produção expressiva da área, graças ao esforço de diversos editores, ao envolvimento de mais de uma centena de pareceristas que são parceiros fundamentais para a existência de um periódico científico e, ainda, em função da confiança de colegas da Comunicação e Informação e áreas próximas, que compartilharam conosco os resultados de suas pesquisas e estudos. Trata-se, portanto, de um expressivo contingente de pessoas empenhado em manter no ar esse território em que a Ciência se materializa e promove novos diálogos e reflexões que permitem novas compreensões das relações sociais, e assim acreditamos estar contribuindo para as desejadas transformações da sociedade na perspectiva de maior igualdade social, econômica e cultural.

Enfim, resgatar rapidamente esse percurso visa deixar bem claro o quanto acompanhamos e reconhecemos o esforço de toda área – coordenações desse longo período incluídas – em torno de construir processos e procedimentos que traduzam melhor “a qualidade” das nossas produções bibliográficas em periódicos científicos. Afinal, esses artigos têm sido instrumentos basilares nas avaliações dos Programas e dos/as pesquisadores/as brasileiros. No entanto, a despeito desses empenhos, o fato é que algumas decisões, mesmo que bem justificadas, têm contribuído muito para que uma significativa carga de desânimo se instaure entre nós. E aqui não falamos apenas como editoras e editor da Revista Mídia e Cotidiano: estamos, com a maior transparência possível, ecoando manifestações, infelizmente ainda pouco formalizadas, quanto aos desafios que se avultam neste momento em que mais mudanças são apontadas.

Mas, antes de continuar, gostaríamos de destacar o cuidado da atual coordenação de área e da própria Capes em enfatizar que todas as modificações não são para esse quadriênio. De todo modo, podemos apontar sem quaisquer dúvidas, que um dos impactos negativos já vigentes é a desconsideração do valor do trabalho dos pareceristas. Mesmo que seja fácil concordar que se trata de um indicador complicado de incluir porque apresenta um valor quantitativo muito alto, objetivamente ser mais um trabalho totalmente invisível tem reduzido, drasticamente, essa atividade na área. Será que não se poderia estabelecer um índice mínimo por pesquisador, por exemplo? Dois ou três pareceres anuais talvez garantisse uma normalidade que perdemos. E aí a avaliação poderia trabalhar com um índice de redução para os Programas que não



atingissem esse mínimo. Além disso, mantendo esse parâmetro prévio, o PPG só lançaria esse mínimo, não sobrecarregando o sistema Sucupira de informações que não precisam ser contabilizadas.

Outra situação que precisa ser muito mais debatida é o índice de impacto dos artigos. Se a crítica tem sido ao “produtivismo”, será que não faria mais sentido a publicação de menos artigos (a ideia parece ser essa), mas artigos mais densos pois, honestamente, concentrar reflexões em 15 páginas ou pouco mais – como diversas revistas exigem – também não estaria contribuindo para textos mais superficiais, com discussões pouco aprofundadas? Por último, a própria lógica de *ranking* a partir de citações, sendo estas vistas como “impacto”, não estaria reduzindo drasticamente o escopo das investigações desenvolvidas na área, ou seja, não concentraria em poucos temas os estudos realizados? Esse caminho não forçaria publicações com muitos autores para um mesmo artigo, na medida em que amplia as redes de conexões e, em consequência, as possibilidades de citações?

Mesmo que essas questões soem especulativas – e, de certo modo, são – o que queremos ressaltar é o quanto nos parece urgente que mais editores (no mínimo) consigam apresentar suas experiências e possíveis sugestões antes que, novamente, mudanças ocorram a partir de um debate não tão inclusivo como, talvez, idealmente, devesse ocorrer. Da nossa parte, olhando para a área, é impossível não observar o número absolutamente limitado de revistas que estão nas bases Scopus e SciELO, por exemplo. Revistas consideradas A1 e A2 estão fora das duas bases, sendo que a maior parte que já está é de periódico que existe há mais tempo quando, conforme relatos, era um pouco mais simples o processo de aprovação. Por último, outra situação extremamente difícil que a área enfrenta é o tempo de espera para publicação: as revistas que estão no topo do Qualis têm demorado mais de um ano para aprovar e publicar um artigo.

Enfim, fechando essas breves reflexões e antes de entrarmos na apresentação desta edição, achamos justo ressaltar positivamente o cuidado de divulgação antecipada pela Capes e pelo coordenador da nossa área, Paulo Vaz, quanto às mudanças que devem acontecer. Mais que louvável, mostra uma alteração profunda do processo de avaliação, inclusive dos periódicos científicos. Só para ilustrar, vale lembrar que os critérios Qualis no quadriênio 2013-2016 focavam, basicamente, em periodicidade, corpo editorial e quantidade de indexadores da Revista, enquanto o quadriênio seguinte utilizou o índice h, já que a quase totalidade dos periódicos da área



não estavam nas bases Scopus, SciELO e Web of Science. Uma solução alternativa que, ao que tudo indica, foi aprimorada pela Coordenação atual, conforme argumentos apresentados, sendo que os critérios de avaliação dos dois quadriênios anteriores foram apresentados já no fim de cada um, pois esta era a lógica de toda a avaliação. Um processo que, sabemos, foi questionado judicialmente, criando uma paralisação que soterraria um trabalho gigante de todos os Programas de todas as áreas e que só foi revertido graças ao esforço gigante de alguns, entre eles nosso ex-coordenador de área, Edson Dalmonte, que sempre terá nosso reconhecimento.

Pois bem: nesse cenário complexo e capaz de nos deixar tão apreensivos, em que se avizinha a necessidade de repensar as divulgações de artigos que, conforme apontado até agora, serão avaliados não mais pelos periódicos em que estão, mas “per si” (em outro momento e espaço, essa mudança merece muito debate), publicar essa edição significa, principalmente, mostrar nossa profunda confiança no quanto ela pode contribuir para a área. Afinal, “a existência está sempre espacialmente *em* alguma coisa ou em alguma relação não como uma acidental propriedade extensiva, mas como uma determinação essencial de sua identidade” (Sodré, 2014, p. 285 – grifo do autor). Não à toa, a imagem da capa e o próprio título desse editorial ecoam um sentimento que se espalhou por boa parte do país a partir do oportuno e excelente filme dirigido por Walter Salles: o reconhecimento de que nós, mesmo que em graus variados, seguimos no território da resistência, do contraponto às pseudociências e à desinformação. Estamos no território da ciência e, como lembra Carl Sagan, a ciência se distingue de muitas atividades humanas “pela sua paixão de formular hipóteses testáveis, pela sua busca de experimentos definitivos que confirmem ou neguem as ideias, pelo vigor de seu debate substantivo e pela sua disposição a abandonar as ideias que foram consideradas deficientes” (2006, p. 305).

É com essa disposição e olhar, portanto, que iniciamos essa edição com o artigo *Reconhecidas, mas silenciadas: as pessoas com deficiência representadas nas notícias do portal G1*, que investiga as representações construídas pelo jornalismo sobre as pessoas com deficiência. As autoras Thais Araújo de Freitas e Terezinha Silva partem de um *corpus* composto por 373 notícias do site G1 e chegam à conclusão que PCDs são reconhecidas como depositárias de direitos e representadas como vítimas de violações desses direitos. Entretanto, as autoras observam que as pessoas com deficiência são silenciadas de duas formas: por exclusão ou por tutela. O silenciamento por exclusão acontece quando as pessoas com essa condição não são ouvidas pela



reportagem. Já no silenciamento por tutela, pessoas próximas e parentes são acionadas como fontes para falar por elas como se fossem mais capazes de expor opiniões do que as próprias. Silenciar suas subjetividades, concluem, é cerceá-las do direito ao exercício da cidadania.

O artigo seguinte, *Implicações da Circulação Discursiva na Construção do Acontecimento: um estudo de caso da menina de São Mateus*, analisa a construção sociodiscursiva da cobertura jornalística sobre uma menina capixaba de 10 anos, que foi violentada e precisou fazer um aborto para salvar a própria vida. Os autores Giovandro M. Ferreira, Dayanne Pereira, Juliana L. Reis e João Cláudio de S. Guerra, desenvolvem o estudo focando em dois jornais digitais, Folha de S. Paulo e Tribuna Online, além de investigar a repercussão da circulação do fato no Twitter (atual X). Para tanto, utilizam a análise do discurso com a intensão de tensionar a noção de acontecimento, identificando distorções na configuração do fato jornalístico e na mobilização da agenda pública, com violações aos direitos humanos e infantis.

Em seguida, no artigo *Desertos de notícias no Brasil: Discussão conceitual e novos aportes sobre sua localização*, Octavio Penna Pieranti apresenta um cruzamento entre dados oficiais e do Atlas da Notícia para mostrar que o número de regiões sem produção própria de notícias (“desertos de notícias”) pode ser menor do que parece à primeira vista. O autor chama a atenção para o fato de que, se retransmissoras de TV e rádios comunitárias fossem incorporadas à conceituação do mapa, o número de “desertos” cairia de 2.676 para 938. Outro dado que aponta é a existência de 1.273 municípios onde verifica-se apenas a existência de rádios comunitárias. Esse contexto dialoga, de certo modo, com a pesquisa desenvolvida por Carolina F. Terra e Adeílson T. Torres, que vai discutir como Casimiro Miguel se tornou um fenômeno midiático no Brasil.

Intitulado *Casimiro Miguel: a “espontaneidade programada” e a (re)configuração da televisão na Cultura da Conexão no Brasil*, o texto de Terra e Torres analisa as habilidades de Casimiro Miguel em integrar as mídias tradicionais às digitais, valendo-se de seu conhecimento das primeiras e, da sua sensibilidade quanto as melhores estratégias para conquistar e fidelizar o público nas mídias digitais. Para demonstrar a tese que apresentam, os autores introduzem conceitos que consideram chaves relevantes para descrever o que assumem ser inovador e, também, possível parâmetro para outros jornalistas ou criadores de canais de grande repercussão nas redes digitais. Trata-se, portanto, de uma pesquisa recortada, mas capaz de ampliar a



compreensão de um fenômeno de comunicação recente no Brasil, situação que muito interessa à nossa área.

Das redes, às ruas? Não exatamente. Na verdade, no próximo artigo dessa edição, *Circuito carioca de feiras orgânicas: agroecologia, ativismo digital e segurança alimentar no Rio de Janeiro*, Rodrigo Morelato vai descrever os processos de formação de circuitos de feiras orgânicas e acompanhar a adoção de novos repertórios de ação comunicativa, identificados a partir do conceito de “mobilização mediada”. Trata-se do uso do universo digital para gerar redes de relações interpessoais e grupos de seguidores, que poderão ser mobilizados para se engajarem em ações tanto presenciais quanto mediadas pelas tecnologias. Por meio de pesquisa-ação, o autor constatou um diálogo exitoso entre redes e ruas nas práticas de comunicação tecidas na vida cotidiana pelo movimento agroecológico da Região Metropolitana do Rio de Janeiro. Ele sustenta que o conhecimento local, ao articular mídias e cotidiano, promove o consumo consciente, a segurança alimentar, a saúde coletiva, a cidadania e a sustentabilidade.

O consumo contemporâneo e a maneira como ele nos mobiliza para uma nova percepção sobre nossa relação com o meio ambiente é o tema do artigo *A Representação dos Brechós na Mídia: entre o ativismo e o mercado*, de Marcia Percin Tondato e Maria Giselda Vilaça. As autoras problematizam o crescimento dos brechós a partir de matérias jornalísticas, buscando compreender a representação midiática de sua divulgação em blogs e colunas de diversas regiões do Brasil. Entre os seus aspectos ligados à moda e, ao mesmo tempo, à sustentabilidade, as autoras defendem que os discursos midiáticos reforçam a visão empreendedora ligada ao mercado de segunda mão, sendo necessária compreensão crítica sobre a preservação do meio ambiente e, também, a respeito do consumo sustentável.

Julia Capelaro e Laura Wottrich discutem tensionamentos entre o campo da sustentabilidade e o da publicidade no texto *Práticas de contestação da publicidade de moda no Instagram*. A dupla analisa práticas contemporâneas de contestação da publicidade sobre sustentabilidade em plataformas digitais, a partir de entrevistas com cinco contestadoras da marca chinesa Shein, de *ultra fast fashion*. O objetivo foi compreender o que as entrevistadas entendem por sustentabilidade, publicidade e suas motivações para a realização de seus ativismos no Instagram. Como resultados, as autoras identificaram que as contestadoras se relacionam com a sustentabilidade pela



via do consumo consciente, sendo o consumo o principal foco dos tensionamentos travados na relação entre a sustentabilidade e a publicidade da marca em questão.

O modelo do fazer publicitário na contemporaneidade mudou, como demonstra o artigo *Advertainment na Twitch.tv e seus (possíveis) impactos na Geração Z*, de Otávio Vieira Santos e Maurício Barth. A pesquisa analisa a prática de *advertainment* na plataforma de transmissão simultânea Twitch, conhecida pelo público jovem. O enfoque é a discussão sobre a incorporação de elementos do entretenimento para engajar a chamada Geração Z – de acordo com os autores, nascidos entre 1995 e 2010, conhecidos por serem nativos digitais. A partir desse contexto, são analisadas estratégias de marketing utilizadas dentro da plataforma da Twitch, a partir da mobilização do público que se engaja através da socialização do ambiente virtual e da realização com os criadores de conteúdo.

Em *Transplante de órgãos no SUS e as disputas narrativas: uma análise do “caso Faustão”*, Wilson Couto Borges, Erika Guedes Farias e Daniela Muzi analisam narrativas jornalísticas sobre o transplante de coração do apresentador de televisão Fausto Silva, em agosto de 2023. Com ênfase nas matérias publicadas pelo *O Globo*, através de publicações em seu perfil no Instagram, a análise se desdobra no conteúdo e nos comentários dos seguidores da página. Além disso, a investigação se debruça sobre a percepção pública do Sistema Único de Saúde (SUS) através do sistema de transplante de órgãos, demonstrando perspectivas favoráveis ou contrárias, posturas que aumentam ou diminuem sua credibilidade. Os debates que surgem a partir desse caso, segundo os autores, refletem sobre o lugar da saúde no Brasil diante de suas complexidades.

Finalmente, fechando essa edição apresentamos a resenha do livro *Cultura do podcast – reconfigurações do rádio expandido*, obra recém-lançada por Marcelo Kischinhevsky. O autor da resenha, Leonardo Couto, destaca que a obra parte do conceito de “circuito de cultura” para abordar as mudanças culturais e tecnológicas do *podcasting* e assim investigar os processos de produção, consumo e regulação desse meio. Um tema mais que pulsante neste momento que o interesse por esse formato e mídia tem gerado cada vez mais interesse do público, que tem valorizado, particularmente, as narrativas produzidas pelo jornalismo.

E assim encerramos mais um número da *Revista Mídia e Cotidiano*. Que a leitura desta edição possa enriquecer as pesquisas de nossos leitores e inspirar novos percursos metodológicos e perspectivas críticas. E que nós e as demais revistas



acadêmicas do campo da Comunicação encontremos caminhos para nos fortalecer e continuarmos promovendo diálogos e conhecimentos vitais à Ciência brasileira.

Os Editores

Referências:

SAGAN, Carl. **O mundo assombrado pelos demônios**: a ciência como uma vela no escuro. 28^a reimpressão. São Paulo: Cia das Letras, 2006.

SODRÉ, Muniz. **A Ciência do Comum** – Notas para o método comunicacional. Petrópolis/RJ: Vozes, 2014.



Este é um ARTIGO publicado em acesso aberto (*Open Access*) sob a licença *Creative Commons Attribution*, que permite uso, distribuição e reprodução em qualquer meio, sem restrições, desde que o trabalho original seja corretamente citado.